



MEMÓRIAS DO PROCESSO DE TERRITORIALIDADES NA ALDEIA PRATA, MUNICÍPIO DE TOCANTINÓPOLIS (TO): SENTIDOS E SGNIFICADOS DA ANCESTRALIDADES NAS PINTURAS CORPORAIS

APINAGÉ, Vanderlan Dias da silva ¹; **ALMEIDA**, Rejane Cleide Medeiros de²;

RESUMO

A pesquisa teve por objetivo compreender as memórias dos anciões e dos anciães e como ocorrem as relações das pintura corporais entre os homens, as mulheres, e as crianças,moças, rapazes, buscando entender como é o processo de cada pintura e também o significado das pinturas e da história e território. Em relação aos sagrados, entre as ancestralidade vinham utilizando e valorizando os saberes da etnia Apinajé na aldeia Prata localizada no município de Tocantinopolis, tocantins. A metodologia foi história oral e o resultado da pesquisa apontou que as pinturas estão sendo esquecidas pelos mais jovens, quanto ao modo de pensar e reagir, a cultura, como também a produção e transmissão de saberes.

Palavras-chave: Pinturas corporais. Saberes apinajés. Memórias.

¹ Bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/PIBITI). Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de educação, humanidades e saúde. e-mail. Vanderlan.apinage@ufnt.edu.br

² Orientadora do Programa de Iniciação Científica (PIBIC). Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de de educação, humanidades e saúde. e-mai: rejane.almeida@ufnt.edu.br



I. INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

A pesquisa trata de memórias dos anciões e dos anciães do processo de territorialidades produzidas na aldeia Prata, sentidos e significados das ancestralidades nas pinturas corporais da etnia Apinajé. o que nos provoca reflexões relacionadas aos valores culturais da etnia e ao reconhecimento dos conhecimentos dos mestres dos saberes. Nessa perspectiva o objetivo é compreender por meio das memórias dos mestres e mestras as ancestralidades nas pinturas corporais da etnia apinajé. Enquanto objetivos específicos: elaborou-se um mapa situacional dos saberes ancestrais dos anciãos da Aldeia Prata, organizar uma oficina de histórias de vida afim de registrar a produção do conhecimento da tradição Apinaje, promover por meio de troca de saberes dos mais velhos para os jovens como se elabora o Paparuto, comida do povoapinayé desde os seus antepassados.

II. BASE TEÓRICA

O grafismo apinayé, enquanto perspectivas de saberes ancestrais, tem como objetivo compreender as trocas de conhecimentos intergeracionais entre Jovense anciãos, ou seja, a troca de saberes das pinturas e grafismo Apinayé de acordo com a tradição. É nesse sentido que Ribeiro Apinajé (2019, p. 61), destaca que os anciãos dentro do contexto social Apinayé como parte essencial desse processo de construção e assimilação dos conhecimentos dos mais jovens, em que afirma: “[...] Nesse processo próprio de conhecimento eles participavam na prática em tudo que o grande sábio fazia, incentivava até que eles se tornassem hábeis na área da medicina (como um wajaga [xamã] que trabalha com plantas medicinais), um grande cantador um especialista nas artes das pinturas corporais, dos artesanatos, um excelente caçador, um corredor, um contador de histórias e mitos ou uma excelente liderança.

Para Calderoni e Nascimento (2012, p. 308), “Os saberes tradicionais



indígenas estão densamente contextualizados com seu território, com sua relação com a natureza, sendo essa uma diferença fundamental entre as duas formas de conceber os dois conhecimentos”. De uma ponta temos os conhecimentos produzidos nas universidades/escolas que por seu turno é, “[...] mais específico mais fragmentado, menos contextualizado, marcado pela pretensa objetividade [...]” (Calderoni; Nascimento, 2012, p. 308), e do outro as experiências pautadas nos saberes ancestrais, tradicionais dos mestres da aldeia que ao longo do tempo produzem variados saberes e que, sobretudo foi adquirido com seus ancestrais, tecido nas tramas das relações com a sua territorialidade. Quanto as territorialidades, Alfredo Wagner Berno de Almeida (2004, p.10) afirma que “[...] funciona como fator de identificação, defesa e força, laços solidários e de ajuda mútua, informam um conjunto de regras firmadas sobre uma base física considerada comum, essencial e alienável, não obstante disposições sucessórias por ventura existentes”.

Buscando compreender como ocorre a dinâmica da aprendizagem intergeracional e entre os saberes dos mestres e a aprendizagem dos mais jovens. São práticas de saberes ancestrais realizadas por meio de experiências no qual o “passado orienta o presente” atuando com sentidos e significados de forma permanente, Thompson, (2009), ressalta que:

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro desse termo não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e cultura das mais complexas maneiras e em seguida agem, por sua vez, sobre sua situação determinada (Thompson, 2009, p. 226).

É por isso que este plano de trabalho se justifica pela importância do tema sobre a relação entre os saberes intergeracionais da cultura e identidade dos mestres dos saberes e da juventude na Aldeia São José.

III. OBJETIVOS



GERAL

Compreender por meio das memórias dos mestres e mestras dos saberes os tipos de pinturas corporais e suas relações com a ancestralidade.

ESPECÍFICOS

1. Identificar as formas de pinturas corporais na etnia Apinajé a partir dos registros realizados pelos jovens juntamente com os mestres.
2. Relacionar as formas de aprender e ensinar os saberes produzidos pelos anciões e os jovens e a continuidade da tradição na etnia Apinayé por meio do registro das memórias.
3. Analisar os tipos de pinturas corporais como saberes ancestrais da etnia Apinajé, seus sentidos e significados.

IV. METODOLOGIA

Portelli (1997) define história oral enquanto ciência. Isso implica no registro da memória. “[...] a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados”. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas [...] (PORTELLI, 1997, p. 16). Por esta razão é que justificamos a escolha da história oral e das narrativas, por possibilitar análise dos processos históricos, padrões culturais e, sobretudo das estruturas sociais em que os/as interlocutoras/os desta pesquisa se constituem como protagonistas, por meio das suas memórias.

Como procedimento realizamos entrevistas semiestruturadas. O levantamento bibliográfico e seleção de material para estudos das categorias analíticas, ancestralidade, territorialidades e pinturas corporais, permitiram as reflexões sobre o tema da pesquisa, assim como, as resenhas e pinturas corporais, permitirão as reflexões dos textos selecionados e orientados para o estudo. As entrevistas possibilitaram a



identificação das práticas culturais ancestrais que se justifica nas pinturas corporais. As entrevistas foram desenvolvidas na aldeia Prata. Foram Desenvolvidas entrevistas: sendo uma com dois (02)anciãos e seis (06) jovens.

Paul Thompson (1992, p.137) destaca que a utilização de “fontes” que estão “vivas”, são possibilidades de conhecer as experiências vivenciadas e, apresentam relações com relatos que estão condicionados à memória. A História Oral, como método de investigação, possibilita conhecer as vivências no território.

V. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A mestra fala que as pinturas corporais elas são usadas pelos os nomes das pessoas, tanto das crianças, homens, mulheres, rostos wanhmë e katàm, são dois nomes que tenham a sua própria pintura, então aquelas pessoas que é partido do wanhmë só vai utilizar a pintura do wanhmë, tanto do katàm também. Então, essas pinturas são utilizadas nos rituais, tora grande, outros que acontecem dentro da comunidade.

Nos relatos das anciãs as pinturas corporais estão sendo esquecidas pelos mais jovens que não sabem os significados e os que representam essas pinturas, então hoje se a gente perguntar para um jovem sobre as pinturas, o significado, eles não sabem.

Hoje ao vermos uma jovem pintada com qualquer pintura, que seja ela solteira, vai usar a pintura dos casados, as crianças com isso pensando que é só uma pintura, mas não é uma simples pintura, tem o seu significado.

Na figura 01 temos as várias pinturas dos guerreiros que são utilizadas na festa de pàrkapê

Figura 01: Pinturas corporais dos guerreiros apinajé



Fonte: Apinajé, Vanderlan., 2024

Fonte: Apinajé, Vanderlan., 2024



A atividade acima é uma dança que é realizada no meio do pátio da aldeia, todos estão caracterizados com as pinturas corporais, cada um utiliza a sua pintura que representa na cultura Apinajé.

VI. CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mestra fala que as pinturas corporais, são usadas pelos nomes das pessoas, tanto das crianças, homens, mulheres, rostos wanhmë e katâm. São dois nomes que tem a sua própria pintura, sendo que aquelas pessoas que é partido do wanhmë só vai utilizar a pintura do wanhmë e do katâm também. Então, essas pinturas são utilizadas nos rituais,



tora grande, outros que acontece dentro da comunidade. A mestra, ressalta também, que as pinturas corporais estão sendo esquecidas pelos mais jovens que não sabem o significado das pinturas e o que representam as pinturas. Se perguntarmos a um jovem sobre o significado, não sabem.

VII.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2013. ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terras tradicionalmente ocupadas - processos de territorialização e movimentos sociais. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 6, n. 1, maio 2004.

APINAGÉ, Fabricio Laranja Salvador. Saberes ancestrais e práticas educativas na escola estadual indígena Mãtyk: interfaces entre saberes na aldeia São José- Tocantinópolis (TO). Relatório PIBIC, 2022. Memo.

APINAJÉ, Júlio Kamêr. Me ixpaxà me ixahpumunh me ixujahkrexà: Território, Saberes e Ancestralidades nos processos de Educação Escolar Panhi. Goiânia, 2019.

CALDERONI, Valéria Aparecida Mendonça de Oliveira; NASCIMENTO, Adir Casaro. Saberes tradicionais indígenas, saberes ocidentais, suas intersecções na educação escolar indígena. Visão Global, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 303-318, jan./dez. 2012.

LITTLE, Paul. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade. Série Antropologia, n. 322. Brasília: Departamento de Antropologia, 2002.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História 15. São Paulo, 1997. PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA (PNCSA). Disponível em: <http://novacartografiasocial.com.br/fasciculos/>. Acesso em 29 de Mai. 2021.

RIBEIRO, Perla Oliveira. Plantas-filha e a beleza das roças: o lugar das plantas na cosmologia apinajé. Dissertação de mestrado, UFT, 2015, 84 fl. SESAI, Distrito Especial Indígena, DSEI. Ministério da Saúde. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/etinia_dsei_to_sesai_2011.pdf . Acesso 25 de mai. 2023.

TOMPSON, Paul. A voz do passado: História Oral. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1992.

THOMPSON, E. Paul. Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

THOMPSON, Eduard Palmer. A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009

VIII.AGRADECIMENTOS: O presente trabalho foi realizado com o apoio da FAPT